

# O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO I — N. 3

RIO DE JANEIRO, 1 DE DEZEMBRO DE 1918

REDAÇÃO:  
RUA DO SENADO, 218-217  
Telefone C. 1.499

## EXPEDIENTE

De conformidade com as bases do seu Grupo Editor, as colunas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer expansão de pensamento, desde que se ajuste à lógica e à razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

*O Cosmopolita* publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

### Assinaturas

Ano . . . . . \$5000  
Semestre . . . . . 3\$000

## DESCENDO DA MONTANHA

(Continuação)

— Eles têm direito a consumir até o superfluo. Desperdiçam o producto do nosso trabalho a seu bel prazer.

Para nós não ha direitos, só nos ezi-jem deveres.

Estamos condenados a trabalhar para viver, para viver trabalhamos e a trabalhar morremos.

Disseram-nos os senhores capitalistas, por insinuação de todas as religiões, que para viver é preciso trabalhar.

Sem embargo, eles vivem a grande, no meio do luxo e do conforto sem terem necessidade de trabalhar.

E nós, trabalhando para viver, no trabalho encontramos a morte.

Tu, apreciavel amigo e companheiro, talvez, de amanhã, abandonaste o mundo dos homens em tua infancia.

O teu genio infantil levou-te ao mais alto cume de uma montanha deshabitada. Só, encontraste no deserto, no entanto tens vivido.

Viveste no jardim selvagem da natureza bravia, no paraizo das feras. Não vanglorio tua sorte, mas, ó companheiro! feste livre!

Desconheces o progresso e a civilização, mas foste bafejado pelo sol vivificante da liberdade.

— Era bravia a natureza? Não importa! Ainda assim envejo te... Eras o unico.

Sonhaste e sonhando um dia subiste como um louco ao mais alto pico da montanha.

Em tua mente germinava o desejo de conhecer um mais para lá desconhecido.

Do concreto ao abstrato s'ebes sonhando ás altas rejiões ediológicas do pensamento humano.

Firmas a vista no futuro e um nimbo anuncia teu ideal. No alto de uma torre vislumbra a diviza da civilização e do progresso. Deces precipitado da montanha e segues em direção á diviza grandiosa da sociedade capitalista, ao impulso de tuas aspirações de bem estar humano. Um ideal sublime te serviu de guia luminosa em tua difficil empreza.

Porém como tinhas uma vontade soberana, um ideal que te animava, como sentias uma fé inquebrantavel em tuas forças, venceste.

Sonhando chegaste ao paraizo dos homens, ao imperio da civilização, vês, enfim, realizado teu ideal.

Depois da exposição do dono e senhor de nossa vida já deves estar ao corrente das grandezas do mundo dos ricos, do paraizo dos mortos e do inferno dos trabalhadores.

Isto é, falta-te somente conheceres o inferno dos trabalhadores no seio de tantas riquezas sociais. Escutaste a apolojia da civilização e da riqueza, da vida feliz e do bem estar humano, feita por um dono e senhor, agora espero que escutes a desmascaração da mentira, a apolojia da morte lenta e das miserias humanas, feitas por um escravo.

Quero ser explicito em minhas palavras, afim de explicar-te com clarividencia a escravidão e a miseria em que vive a maioria da humanidade, e espero que convenhas comigo que o paraizo que sonhaste não é este. Mas, isto não importa; continua, pois sonhando, que alcançaremos num dia não longe a terra livre.

O mundo capitalista não pôde iluminar mais com a sua morticia luz o bem estar da humanidade. Está em franca bancarrota, e nós, os sonhadores, temos que aproveitarmos de sua impotencia, de seu deziqulíbrio economico para demolir com nossa critica os seus alicerces.

Uma imensa maioria da humanidade vive na mais repugnante das miserias, enquanto uma minoria insignificante desfruta todas as regalias e prazeres da vida.

A sociedade, com a sua divizão de classes e categorias, leva o trabalhador manual a uma vergonhosa desconsideração pela classe dirigente.

Os burguezes, senhores do dinheiro e das reedeas do Estado, impoem sua vontade sobre numeroza maioria.

— E sendo maioria, como aceita, então, as injunções da minoria? Si os miseraveis, os famintos, os desherdados do patrimonio universal, si, enfim, o povo produtor é mais forte, é o mais numerozo, como aceita essa miseravel condição de vida?

— Oh! amigo, a sociedade capitalista está tão bem organizada, ou melhor, tão bem preparada para defender os seus privilegiados, que os trabalhadores, mal saem á luz da natureza são entregues ás rejiões e ao Estado, afim de educal-o de acordo com as necessidades sociais.

A sociedade está composta de duas classes, uma mineria que vive sem trabalhar, que governa, e a minoria que são os trabalhadores, os produtores das riquezas sociais, os governados.

(Continúa).

Odnumyer.

## UNIÃO

Não ha união, é a palavra dita por uma imensa maioria de trabalhadores, tanto da classe de empregados em hotéis etc., como das outras classes de actividade humana.

Ora, não ha união dizem, e de fato não haverá união se continuamos todos a dizer do mesmo modo. A união para realizar um efeito não é coisa que se crie por si, como por milagre, é preciso fazel-a e os fatores dela, que são justamente os explorados trabalhadores, dizendo todos em côro, não ha união, é logico que a desfazem por sua propria culpa.

Pois si a união é força, essa força é preciso que naça da vontade compacta dos trabalhadores.

E' ridiculo clamarmos sempre: "não ha união", se não se começa por querer fazel-a!

Todas as discussões ou juizos sobre o assumpto não podem determinar sinão: que a união dos trabalhadores não será um fato si os proprios não a quizerem fazer.

Emvez de dizerem não ha união "digam" façamos a união, não admitamos impossibilidade nesta palavra, que tornando-se um fato tudo pôde e tudo vence.

A concepção do sentido da palavra deve animar os desherdados tendo fé na futura emancipação proletaria.

Não ha união; mas senhores, o nada pôde dar alguma coisa? Será preciso reconhecer eternamente a falsa importancia que a nós mesmos arrogamos?

Si entre nós de fato ha inépcia é porque somos separados.

Turati no seu hino dos trabalhadores diz: Separados somos canhalhas; mas unidos somos potentes.

Bem: um pouco de boa vontade nos anime, e digamos: queremos unirmo-nos para ser fortes, chamando tambem ao nosso lado todos os soffredores, sem distincção de officio.

Portanto abaixo o temor de insucesso, a união tem necesssidade de, ser um fato.

Viva a união!

Viva a Federação Geral dos Trabalhadores.

A tirannia da Capital deve ter um freio.

A. P.

## Para que serve o patriotismo

No tópico aqui publicado no numero passado, escrito num estilo telegrafico, como convém a um jornal das dimensões do nosso, cremos ter ficado patenteado que o sentimento patriótico é hoje um sentimento perfeitamente decadente, e que para a sua derrocada, muito mais que a ação dos revolucionarios, tem contribuido ativamente a divizão da sociedade em classes privilegiadas e classes desherdadas, classes exploradoras e classes exploradas, uma minoria ociosa vivendo do trabalho de uma maioria laborioza.

A esta eloquente deziquldade prezide a Patria, essa mejeira repelente, cujos interessados defensores, nos apresentam como ceélsa matrona, modelo de virtudes não comuns, mái extrema, mas que em verdade não passa de uma madrastra sem entranhas, que, ao passo que aos filhos do seu matrimonio cumula de carinhos, prodigaliza os mais requinta-

dos manjares e as melhores solicitudes, faz servir aos infelizes rebentos do primeiro matrimonio, aos enteados, os sobejos da meza num fundo de porão...

E para que serve a Patria?

Ah! a patria, meus amigos, é o pó com que se doura a pilula. Precisamos defender a integridade das nossas fronteiras, a nossa autonomia politica, manter a nossa hejemonia, e para isso necessitamos organizar um exercito e uma armada eficientes etc., etc., tais são os chavões que bailam na boca dos Bilacs do jornalismo, do majisterio, do parlamento, da literatura, de todas as cátedras, emfim, donde pontificam ás turbas, os *gras bonets* do patriotismo.

Mas o povo, que em regra ouve ou lê, mas não raciocina, e muito menos sabe ler nas entrelinhas, não vê nesse exercito e nessa armada, de necessidade tão decantada, sinão uma razão objetiva: a defeza da patria. De modo que a patria não é sinão um magnifico pretexto para que se organize um forte exercito e uma grande esquadra, e assim floresça e viceje, em toda a extensão do seu profundo mal, esse canero que corrêe a humanidade, e que, de parceria com outros fatores de ordem economica e politica, nos arrastou á catástrofe da hora presente, o militarismo!

Entretanto o motivo subjetivo do militarismo é defender os privilegios da burguezia, é a sustentação intranzigente da ordem capitalista, é a manutenção do *status quo* atual, que consagra a iniquidade da exploração do homem pelo homem e que permite que, enquanto uns, a maioria, se esgotem na faina brutal de um trabalho excessivo, privados do imprescindível á subsistencia: outros, a minoria, se enervam num ocio imoral, no meio de um luxo insensato, consumindo os dias naancia febril e torturante de conceber fantaziosos projetos de gozo...

Mas — e felizmente! — o patriotismo decaí evidentemente.

Já na guerra atual bem poucos tem o desplante de arvorar a bandeira desmoralizada do patriotismo; á semelhança da cruz do christianismo, ela já não tremula á frente das hordas fraticidas com tanta convicção; o *in hoc signo vinces* da religião patriótica já não é o estimulante das multidões que se pretende abater em holocausto aos interesses capitalistas.

A defeza da civilização é agora a bandeira de combate que os governos arvoram em substituição á bandeira decrepita do patriotismo.

Oxalá o povo trabalhador expoliado saiba vêr nessa nova panacéa mais um sofisma com que se pretende embair a sua credulidade em proveito da casta parazitaria.

## Espetadelas

SERVETERIA AVELAR

A exploração em marcha!

A vergonhosa desorganização em que permanecemos, o egoismo individual que predomina no seio da nossa classe a falta de fé, e a desconfiança que temos na nossa força coletiva, tem colocado o nosso inimigo comum numa situação vantajosa, levando-o a lançar mão dos meios mais iniquos e deshumanos de exploração e tirania.

Os planos de exploração tiranica que estão sendo dezevolvidos pelo patronato seriam relativamente de mais logica ezeução na idade média, em pleno reinado da aristocracia, do que no seculo vinte, em que—segundo dizem—ha republica livre, ha democracia social com a igualdade de direitos e deveres perante a lei.

A situação degradante em que nos encontramos, e a atitude de desmazelo e apatia em que permanecemos, levar-nos-á emergencia vergonhosa de irmos, de chapéu na mão, junto ao patrono—pedir-lhe trabalho sem ordenado!

Não está longe o dia em que chegaremos a pedir trabalho, a oferecer os nossos braços, dispensando o salario que os nossos amigos patrões tenham a benevolencia de ceder-nos!

E' com verdadeiro pezar que nós dizemos estas verdades, mas impõe-se nos o dever de dizel-a muito embora isto promova a revolta contra nós.

Precizamos revoltar-nos contra tanta baixaza e humilhação!

Parece incrível que existam companheiros capazes de sujeitar-se ás revoltantes imposições do proprietarioq da Sorveteria Alvear.

Sem mais comentarios, vamos inserir nas colunas do nosso jornal o vexatorio e revoltante regulamento interno dessa caza afim de cientificarmos a nossa classe do clamoroso atentado que ali se está perpetrando contra a nossa dignidade de homens livres.

E' necessario que a classe reflita

sobre o assunto de tão relevante importancia e tome as providencias precizas, afim de evitar o avanço desses vergonhosos atentados do patronato explorador.

Escutai-nos, pois, um momento companheiros:

DEVERES DOS CAIXEIROS:

1º — E' proibido, terminantemente, alimentar palestra com o freguez.

2º — Está obrigado a comprar flores todos os dias para enfeitar as mesas.

3º — Será multado si no dia estipulado de roupa branca não observar esse traje.

4º — E' proibido terminante conversar no meio do salão.

5º — Será multado no caso de ser apanhado a comer um doce ou um sandwich.

6º — E' obrigado a pagar toda a louça que fór quebrada no salão, pelo caixeiro ou pelo freguez.

Eis companheiros a lamentavel situação a que chegámos!

Não vos parecerá, camaradas, que estais escutando a leitura de um codigo penal?

E além de tudo ainda ha uma contribuição diaria para o gerente jogar no bicho.

Falta sómente a pena de morte!

R. R. M.

## Abaixo a tirania!

Ha muito que anciavamos trazer á publicidade, nas colunas de um jornal genuinamente nosso, um enjerico protesto contra as infames e cobardes injusticas cometidas pelos dirigentes de alguns hotéis e restaurants.

A tirania, cada vez mais iniqua, impépa na maioria das cazas do Rio de Janeiro, toma um incremento assombroso que chega a revoltar a conciencia mais adormecida e o espirito mais apatico ou pessimista que possa ezistir na nossa classe.

Não temos palavras apropriadas para exteriorizar todo o odio e insaciavel sede de vingança que germina nos nossos corações contra o vil traidor que está dirigindo o serviço de salão no Restaurant Assyrio; queremos nos referir a um tal Lorenzo Olivera. Esse individuo de ha muito que se celebrou no seio da nossa classe pelos seus feitos.

Poderemos porventura deixar passar em silencio as inqualificaveis prepotencias dessa triste caricatura de tirano, sem faltar indignamente aos compromissos que voluntariamente assumimos com a classe, ao tomarmos o encargo de publicar este periodico?

Positivamente não! Isto não estaria na nossa invariavel norma de proceder.

E é por isto que hoje pegamos na pena para, a guiza de rélho, fustigarmos sem dó esse tipo que atormenta um punhado de bons e honrados companheiros nossos com os seus insuportaveis atrevimentos.

Despedir com a pécha de ladrão, sendo um honrado trabalhador e, para cumulo, esbofetel-o e entregal-o á policia!

Eis o método de "regulamentação de serviço" e os principios de moralidade dezevolvidas pelo réi dos *maitres d'hôtel*.

Foi preciso que esse tipo réles viesse empregar a sua actividade ao serviço dos hoteleiros do Rio para estabelecer certos processos de direção que atentam profundamente contra os nossos direitos de homens.

Mas afinal porque procede assim com tanta desfaçate?

Em que se fiará ele para abuzar com tanto descaro de uma classe tão numeroza como a nossa?

E' que ele sabe que no nosso meio desgraçadamente triunfa ainda o egoismo individual a tal extremo que nos leva á desorganização em que nos encontramos. Vendo-nos, naturalmente, dezoorientados, sem um ideal que nos congregue em volta de uma bandeira unica, que represente os nossos interesses coletivos, não trepidam em levar a sua prepotencia ao atrevimento das ofensas fizicas.

Eis aí o fim dolorozo e aviltante do nosso criminozo indiferentismo!

Assistir impassiveis o dezenrolar desse drama indigno para trabalhadores concientes dos seus direitos e deveres!

Em nossa presença acuzar caluniozamente de ladrão a um companheiro encahecado no serviço, e chefe de familia, e a tudo assistirmos indiferentes, sem que tenhamos a corajem e a altivez de no mesmo momento vingar a afronta lançada á nossa face sobre uma classe inteira!

Esse tal Lorenzo, chegando aqui, de S. Paulo, (não sabemos se fugido da policia), após uma malograda tentativa de suicidio, entrou no exercicio das suas funções de *maitre d'hôtel*, nesta capital, começando desde logo a pôr "as mangas de fóra" na pratica continua de violencia sobre violencia contra a classe caixeiral.

A vida desse individuo como gerente é a mais nojenta que se pode conhecer, pois que ele só foi guindado a esse posto de mando pelos seus habitos de bajulador incorrijiveis.

Entrou para o antigo *High life Club* como gerente.

Necessitando impôr-se á consideração do proprietario do estabelecimento, o sr. Paschoal Segreto, e não tendo outros predicados para captar as boas graças desse sr., sinão pela mais vil bajulação, começou por diminuir os ordenados dos caixeiros, sob o irrizorio fundamento de estarem dando um prejuizo fenomenal ao proprietario do Club...

Daí por diante continuou ele cometendo toda a classe de injusticas, sem olhar as consequências funestas que inevitavelmente adviriam do seu procedimento desleal e incorreto, contanto que, com esse mal que cauzava aos demais conseguisse, o elmejado ezito na sua carreira.

Entretanto, feliz na sua empreza de zabuzada, trilhou o caminho da sua perversidade, com tanta felicidade que até hoje não encontrou na sua carreira a manifestação perene do menor gesto justiciero que o fizesse enveredar pelo caminho da justiça e do direito.

Como gerente que é atualmente no Palace Club, não só continuou a pôr em pratica as mesmas medidas economicas em favor dos proprietarios, como chegou até a esbofetear um companheiro de nome Firmino, com certeza por descuido no cumprimento das ordens severas que haviam sido emanadas desse tipo autoritario.

Tendo tido a felicidade de *criar nome*, tornando-se conhecido como competente na profissão que ezerce, e tendo ainda a recomendar-lhe além dos seus profundos conhecimentos financeiros a sua falta de carater, não lhe têm faltado cazas para trabalhar e onde possa dar largas ao seu espirito atrabiliario e prepotente.

Hoje essa odiosa criatura, que triunfa sempre nos seus planos maquiavelicos, encontra-se na direção do Assyrio e aí para não perder o habito, tem praticado todas as suas costumeiras canalhices.

Ai nesse estabelecimento, porém, as injusticas as perseguicoes e as vinganças tem sido tantas e tão grandes que por dignidade não devemos mais tolerar o dezerpenho de cargos tão elevados por esse tipo lombroziano. A ele devemos o progresso de hoje em dia trabalharmos sem ordenado nos principais clubs da cidade. E' ele o responsavel principal de haver individuos capazes de mandar trabalhar um caixeiro de *smook* ou cazaca por \$5000, isto é, cinco mil réis, sem ter dia determinado para recebê-los. E' ele, enfim, o cauzador da ingnominoza injustica praticada contra um nosso companheiro: esbofetel-o e para cumulo entregal-o ás garras da policia!

Que fazer diante de tanta ignominia? Companheiros, que como nós soffreis toda classe de perseguicoes e atribulações, não sentis as vossas aspirações animadas por um halito de rebeldia, enveredando pelo caminho da justiça, reclamando vingança contra um patife de tão pequena estatura moral?

Ninguém melhor do que nós poderá anular o prestijio profissional e administrativo desse tipo indigno de ser homem e de conviver no meio de trabalhadores honrados.

As nossas aspirações e os nossos interesses são comuns e portanto devemos estar alerta na salva guarda dos nossos direitos individuais, quando virmos feridos os de um nosso companheiro.

Congreguemo-nos todos em volta de um ideal comum, procuremos unificar as nossas forças dispersas e depois, compactetrados dos nossos direitos, ergamos um grito vibrante de justiça, fazendo os tiranos prestar contas dos seus crimes num tribunal de justiça popular.

Ficará impune mais essa afronta? Não terá uma reprovação enjerica no seio da classe este atentado á liberdade e á dignidade individuais. Para nós esta questão é de suma importancia e de maximo interesse.

Devemos dar uma lição ezemplar e decidida aos autores de semelhante atentado ao direito das gentes.

Odio e vingança que brotem dos nossos peitos escarnecidos contra a tirania imperante!



### Resposta a um critico

A proposito da publicação deste artigo no primeiro numero de "O Cosmopolita", recebemos a seguinte carta:

"Aos companheiros da redação de O Cosmopolita:

Sob o titulo "Resposta a um critico" foi publicado neste jornal um artigo combatendo as ironias do dr. Azurém Furtado, inseridas em dois jornais burguezes. O referido artigo era uma resposta fundamentada ás asserções do citado doutor. Entretanto, permiti que, á sua margem rabisque o sinatário destas linhas algumas considerações mais, pois que o assunto é vasto e bem as comporta.

Nós, empregados em hotéis, não devemos consentir que se continue a fazer uma ideia tão erronea da nossa educação profissional e social. Revolta os nervos o artigo do dr. Azurém, quando ele diz que "é uma verdade já muito sedida o se atribuir principalmente á inferioridade do pessoal subalterno que serve nesse genero de industria (hotéis) aqui no Brazil, a cauza primacial de todas as queixas levantadas contra a administração dos nossos hotéis."

Si o dr. Azurém conhecesse, como nós os hotéis do Rio, encontraria muitos deles, cujos donos nunca souberam o que é ser empregado em hotel, nunca tiveram a minima noção desse serviço, e daí a falta de pratica e zizida de patrões, para ter a competencia necessaria para dirigir estabelecimentos desse genero e escolher pessoal com as habilitações precisas. Daí o serviço mal dirigido, aparecem as queixas dos clientes contra os empregados, aos patrões, e estes, pela sua "miopia" no serviço, começam a dizer aos clientes que os empregados são todos máus.

Vê-se todos os dias desempregarem-se "garçons" de reconhecida competencia profissional e educação social, cujos patrões dizem que eles são grosseiros, que não sabem trabalhar, etc., etc.

Si o dr. Azurém, ou outro qualquer critico, quizesse dar-se ao incomodo de verificar quantos "garçons" foram admitidos no Hotel Vitoria, desde a sua abertura, encontraria nos livros destinados a esse fim, uma média anual de 50 empregados. Isto é a expressão da verdade, e assim como esta, muitas outras que não vale a pena citar.

Mas daí se deprende que os patrões ainda esperam empregados que lhe sirvam a contento. Não os encontrarão nunca, nem mesmo que os mande vir da Suissa ou da França: porque o defeito não é dos empregados, mas sim dos patrões.

Sei que alguns camaradas nossos ha que, sem a pratica necessaria, se apresentam nas cazas de 1ª ordem para trabalhar; os patrões os admitem sabendo-os assim; depois as consequências aparecem, inevitáveis. De quem a culpa? Nossa talvez? Cremos que não.

Existem bons "garçons" dezocupados porque reconhecendo a sua propria competencia e zizem dos patrões os seus direitos; no entanto muitos patrões não os querem, porque deejam ter em caza empregados que não reclamam, "garçons" que se sujeitem a mesquinho ordenado, que lavem as escarradeiras, as sentinas, a caza, etc., etc. e que entrem ás 6 para sair ás 22 horas.

O que nós precisamos, doutor, é sanar esta situação, não nos deixando arrastar por essa exploração: fazendolhes sentir que temos igual direito á vida, mostrando-lhes que sabemos melhor cumprir os nossos deveres como empregados, que eles os seus compromissos como patrões.

O "garçon" que estas linhas vem trazendo vem empregando a atividade profissional ha 22 anos nesta capital e Estados, não tendo até hoje merecido a mais leve censura por parte dos clientes por falta de compostura ou educação para com os mesmos.

Entretanto não é raro encontrarem-se clientes, que atacados de nervozismo, entendem que o empregado é algum imbecil, a quem ele pôde dirigir as grosserias que muito bem entender. O respeito deve ser reciproco.

Não cursei escolas profissionais e muito menos scientificas; o pouco que sei, adquiri-o dia a dia, no duro ganhão.

Temos aqui no Rio muitos companheiros aptos para ocupar um lugar no futuro Hotel Guinle, "garçons" ou artistas culinarios; o que não teremos é a felicidade de que o futuro proprietario desse grande, luxuoso e ultra-moderno hotel seja um profissional do ramo de industria a que agora se entrega com a mira em gordos proventos.

B. F. G.

O. R. M.

### Hotel dos Estrangeiros

São de lamentar as queixas que constantemente chegam ao nosso conhecimento contra a falta de consideração de que são alvo os nossos colegas de trabalho; queixas essas dirigidas, aliás, contra as melhores cazas desta capital e portanto as que menos prezam sacrificar o seu pessoal.

Entre elas destaca-se a que nos serve de epigrafe a estas linhas. Ali se obriga os garçons a raspar os bigodes, para di-

minuir aos que a isto se recusam, 20\$ no mizero ordenado, e a pretexto de crise. No entanto os seus proprietarios gastam contos de réis na orjia dos cabarets noturnos.

Mas o peor de tudo é que nem ao menos as refeições merecem este nome. Um picadinho e arroz de infima qualidade, eis a que se reduz as refeições aos empregados, sem direito á bebida o que é de uzo em todas as cazas. Si algum deles pedir um outro prato qualquer, porque o estomago á força de tragar aquilo todos os dias, já não suporta—tem que o pagar por preços previamente estipulados mente descontados, no fim do mez, do mesquinho ordenado que percebem!

Essas refeições, bem mais proprias para suínos e não para gente, são servidas em cima de uma grande meza de marmore, sem toalha e cheia de moscas, exposta á chuva ou ao sol, coberta de expressa camadas de poeira.

Disto não é unicamente culpado o proprietario. Igualmente responsavel por todas estas infamias que aqui vimos relatando sem nenhum ezajero, é o incompetente *maitre d'hotel*, Emilio Vasquez, o qual se presta aos mais torpes papeis, murmurando baixezas com as gerentes e com o proprietario, já deslebrado das agruras do teu tempo de *garçon*, que o seria ainda hoje, si porventura um movimento enerjico da classe, de que fomos impulsioneiros, o não tivesse, em tempos que não vão lonje, em má hora alveado ao posto onde atualmente se encontra cometendo tanta indignidade.

Hoje reconhecemos todo o alcance do nosso erro em fazer depositario da nossa confiança quem pelo seu passado não devia ser considerado sinão como um réis traidor ás nossas aspirações a melhores condições de vida.

Mas esse fragmento serve apenas para avizar a esse vilão de que não estará muito lonje talvez o seu descomonamento, e que, cá em baixo, havemos de vel-o de andar tropeço e orelhas abaixadas.

Emquanto isso não se der que nos aguarde nestas columnas, pois aqui estaremos vivazes e terríveis.

G. C.

### Pauladas e pedradas

Eram nove horas da noite, quando terminámos os nossos afazeres na redação de O Cosmopolita.

Entretidos com os trabalhos do nosso jornal não havíamos notado que a noite estava chuvoza, quando um dos companheiros que deciam a escada, aproximando-se do humbral da porta central, exclama zombeteiramente: "O porteiro lá de cima está a nos atrapalhar com a chuva!"

Temendo uma molhadela, empreendendo uma viagem a pé através as ruas encharcadas da cidade, em direção ao nosso destino, tomámos um bond linha S. Francisco. O bond corre a nove pontos na sua direção, percorrendo rapidamente as ruas do seu itinerario, e em breve eis-nos no Largo de S. Francisco. Decemos e entramos na rua dos Andradas, em direção á casa do nosso amigo e companheiro X.

Ai estavam calmamente saboreando umas chicharas de café, quando notámos que uma voz afeminada chamava com insistencia o guarda noturno. Um companheiro nosso, por méra curiosidade, levantou-se afim de verificar a procedencia daquela afeminada voz que com tanta anciedade chamara o guarda. O espetaculo que então prezenciou encheu-o de estupefação!

Narremol-o: O guarda noturno da zona, (nosso amigo, naturalmente) estava lendo O Cosmopolita, com a maior atenção, á luz de um combustor da iluminação publica, quando um tipo de mediana estatura, em trajes menores, que, por indagações que fizemos mais tarde, soube chamarse Faria, sai apressado de uma caza suspeita, nas cercanias, a gritar e a pedir instantemente ao guarda que lhe cedesse O Cosmopolita!

Para melhor nos inteirarmos dos acontecimentos chamámos o guarda e perguntámos-lhe: porque diabo aquelle *menino bonito* faz tanta questão de ler O Cosmopolita, a estas horas? — Honessa! — respondeu-nos o guarda. Então os senhores não sabem qual o motivo? E' pelo fato de ser membro zizil da Associação Benefica e supór que lhe andem na pele...

O' com seiscentos mil diabos! Porque não manda esse *menino bonito* á redação do Cosmopolita para ser satisfeita a sua anciedade?!

### Despedindo-me da classe

Talvez a maioria dos companheiros a que me diriji neste momento, desconhecem a minha atuação no seio da coletivista, na vanguarda das forças orgabranes protestos contra a exploração cáddade da qual fiz parte durante muito tempo. Fui um rebelde, que defilei anônimo no batalhão dos revolucionarios que punindo pelos direitos do proletariado se destacam sempre pelos seus viziadas que lutam pelo advento de uma sociedade mais ampla e mais equitativa

do que esta miseravel e corruta em que vivemos.

Deixo-vos, camaradas, no vosso posto de combate, forçado por questões de força maior. Mas, jamais me esquecerei dos momentos felizes que passei no vosso meio, nos momentos mais historicos que tem atravessado a nossa classe.

Auzento-me do vosso meio mas segundo *pari-passu* com o maximo interesse os vossos movimentos em prol da emancipação social do proletariado.

Continuarei sendo o mesmo entuziasta da grande cauza que defendeis com altivez e corajem, e se algum dia, necessario fór formar de novo ao vosso lado promtificar-me-ei a fazel-o com o mesmo ardor e dezassombro como já tenho feito.

De vós me despeço grato, com involvidaveis recordações.

Vosso e da cauza,

Manuel da Silva Arriaga.

### A nossa hora hade chegar!

Narra a historia que outr'ora os sanitas, um dos muitos povos em que se subdividia a penisula italiana, inimigos fidalgais dos romanos, vencedores numa guerra que com estes travaram, levantaram no proprio campo de batalha, em Caudio, uma enorme foreca por onde fizeram passar o ezereito venecido, em sinal de submissão. Daí a frase: "passar pelas forças caudinas", em alusão áquelle feito historico.

A' semelhança dos romanos, os ideais internacionalistas passam nesta hora pelas "forças caudinas" da reação.

Ha dois annos que nos campos da velha Europa, outr'ora ezuberante de vida, numa luta fratricida se batem varios milhões de trabalhadores, arrancados ao labor feecundo da officina, da mina, da fabrica ou á cultura da terra, para a defeza dos mais sórdidos interesses capitalistas.

Com campanudas e retumbantes declarações e afirmações de defeza de honras nacionais, liberdades, civilizações e culturas conseguiram obumbrar na mente dos povos os mais belos e generosos sentimentos de fraternização, para dar lugar ao surto de baixas paixões, ao dezenedeamto de odios torvos e mesquinhos, ao despertar de velhos ressentimentos porventura já varridos da conciencia roletaria pelo intenso labor dos mais ardentes internacionalistas.

A imprensa burqueza, a impudica rameira, como sempre ao serviço dos tubarões da finança, dos ambiciosos de glorias militares, cas, dos fornecedores militares, de todos os chaeais, emfim, que se aproveitam desses transe sombrios da humanidade para saciar os seus appetes carnicieiros, tornou-se o porta-voz das mais cínicas mentiras.

Em nome de uma "pretendida defeza da liberdade, começou por suprimir as mais caras liberdades humanas, conquista laboriosa e por vezes saugrantes de muitas gerações.

Nos países em guerra só as forças reacionarias têm o direito de alçar a voz; a palavra da razão e da verdade é estrangulada na garganta dos poucos abnegados que ainda ouzam manter inabalaveis e integros os principios de que se tornaram denodados e sinecos campeões, e que, quais verdadeiras robles, resistem impávidos o vendaval da loucura guerreira!

Mas, a nossa hora ha-de chegar! Nós esperamos que uma transformação se opere na conciencia dos povos em guerra, tão duramente ludibriados, e que em breve se aperebam do embuste em que foram miseravelmente lançados.

Que saibamos tirar desta hecatombe guerreira, sem par na historia da humanidade, os ensinamentos que dela decorrem...

Analizemos os factores determinantes desse crime hediondo, e tomemos contas severas aos seus responsaveis.

Eliminemos da superficie da terra esses factores: rejimem capitalista, baseado na propriedade privada, governos, fronteiras. Transformemos a humanidade numa universal familia, que todos os seus membros tenham um lugar á meza do colossal banquete da vida, entendendo-se pela harmonia de interesses, pelo livre accordo: o *homem livre sobre a terra livre!*

O tempo de guerra — disse-o ha pouco o socialista inglez, Ramsay M. Donay, — não é propicio a politica de ideias. Então a maioria apinha-se a ouvir e aplaudir a muezia duma banda com pauperaria e desconfia extremamente das exquizitas e ricas notas e palliats.

Nós esperamos e trabalhamos como tem que fazer todas as minorias.

CELSE GARCIA.

### Os empregados de hotéis que trabalham á noite pensam em greve

ELES IGNORAM O QUE SEJA UMA FOLGA

Com os alarmantes titulos que encabeçam estas linhas publicou ha dias o *joven rotativo* "A Lanterna" uma interessante e rapida reportagem sobre o serviço noturno dos hotéis do Rio, a que não podemos resistir ao dezejo de reproduzir nas nossas columnas.

Todavia mantemos as nossas duvidas sobre si não terá laborado num lamentavel equívoco o redator da "Lanterna". A entrevista que adiante transcrevemos teria sido mesmo com empregados aqui do Rio, ou seriam eles da China ou do Liliput?

Sim, porque os nossos companheiros aqui do Rio, vivem no melhor dos mundos: belos salarios, poucas horas de trabalho, descanso semanal, etc., etc.

Si non è vero...

Pelo corredor silencioso, forrado com um tapete vermelho e estreito, o *valet de chambre* nos guia para o quarto que acabamos de alugar, um hotel de viajantes do centro da cidade.

Mostramos ao quarto, o creado nos mostra o apozento com um gesto vago e nos diz o que já sabemos: "se precizar-mos de alguma coisa é só tocar na sineta".

Mas não o deixámos partir. O seu ar morozo e fatigado intriga-nos. Perguntámos-lhes, adivinhando vagamente as causas do seu tedio:

— Muito trabalho, hein?

O famulo responde:

— Sim, muito trabalho... muito trabalho e pouco dinheiro...

Então, para pol-o á vontade, declinámos a nossa qualidade de jornalista e pedimos-lhe alguns esclarecimentos.

— Os esclarecimentos são simples. Lavra entre todos os empregados de hotéis que trabalham á noite um descontentamento geral. Elles trabalham, sem rezevar, a noite inteira e sem ter ao menos uma vez por mez, uma pequena folga. Ora, nós de balde temos reclamado dos nossos patrões.

Ha não muito tempo, reunimo-nos em comissão, os representantes dos empregados que trabalham á noite nos hotéis e fomos incorporados aos chefes dos principais hotéis do Rio, pedindo em nome da classe que nos fosse concedida uma noite de repouzo todos os quinze dias. Como nos recusassem, pedimos uma folga por mez. Ainda desta vez fomos batidos.

— Por que não se declararam em greve? — perguntámos injenunamente.

O garçon deu um muchocho e alçou os hombros. Seriam jogados na rua. Ainda mais: poderiam contar com a solidariedade de todos, numa cizão que acarretava tão graves consequências?

— Os patrões não sabem o que é ficar 365 noites trabalhando sem descanso — concluiu o garçon que nos falava. Si o Sr. si dér ao trabalho de observar um hotel, a partir de dez horas da noite verá como todos os seus guardas estão num estado de lamentavel cansaço...

Quando ficámos sós, pensámos no que víramos desde que penetramos no hall do hotel em que estávamos. A' porta, o porteiro, d'olhos fechados, mal respondera ao nosso "boa noite". Na gerencia, o encarrégado do aluguel dos quartos repouzava a cabeça entre as mãos, em attitude enjoada. O rapaz do elevador bocejava com enfado, tendo as forças ezaujadas para manejar as manivelas do ascensor. Em cima, o garçon estava naquelle estado em que se nos apresentára. E em todos os andares ia o mesmo cansaço, a mesma sololencia.

E, no entanto, eles pedem pouco. Uma noite de repouzo todos os quinze dias...

### As cozinhas dos trens da Central

Já trabalharam nos vagons restaurantes da Estrada de Ferro Central do Brasil?

Pois aconselho-lhes que não trabalhem, sob pena de morrerem de fome, pois é melhor estar no inferno em vida ou ficar debaixo do bond a ter infelicidade de trabalhar nesses infernos que são as cozinhas desses carros.

A exploração dos proprietarios da empresa arrendataria desse serviço merecia a detenção para toda a vida, se porventura a lei fosse feita para proteger a todos indistintamente e não apenas a quem tem o capital.

Parece impossivel que ainda haja trabalhadores que se sujeitem a uma exploração como a que os concessionarios dos serviços de carros-restaurants estão exercendo sobre os seus empregados de cozinha, a qual ultrapassa as raias de tudo o que aqui se tem visto no nosso ramo de trabalho. Quanto a nós continuamos a ter o mesmo pensar de ha annos passados: a alma, o coração dos patrões está dentro de suas burras, nos seus interesses pecuniarios.

E' pois aí, onde devemos ferir-o.

O contrato que eles têm com a Estrada dispõe para a falta de uma refeição a multa de 500\$ ou 5.000\$, não sei ao certo, mas existe alguma coisa nesse sentido, e para individuos da especie desses empregados todas as armas são boas. Amor, com amor se paga... O pessoal de cozinha tem, pois, uma arma para se defender da exploração ganancioza e terrivel do Sr. Cardozo "et-reliqua" e verá, assim que a ponham em pratica, cessar os abusos de que são victimas...

Não mais sacrificarão a sua saúde, a sua vida em beneficio dos patrões e atualmente.

Nós sabemos que são dous individuos que alli trabalham os principais promotores das irregularidades que se passam nas cozinhas dos vagons restaurants. Mas esses infelizes terão em breve o merecido correctivo por parte dos seus companheiros, no desprezo com que serão tratados, porque eles não hão de trabalhar eternamente nesse lugar. Entretanto si tivesse um pouco de senso comum, eles veriam que se estão arruinando para sempre, impossibilitando-se de poder ganhar um pedaço de pão para seus filhos, quando saírem dos trens.

Desenganai-vos, trabalhadores! sem violencia nada se consegue, as boas palavras só servem para perpetuar a vossa escravidão.

Pois é lá possível viajar daqui a Minas, dentro de cubienlos, como são as cozinhas dos carros-restaurants?! E tudo isto para fazer jus ao mesquinho ordenado de 150\$, obrigados a trabalhar desde as 4 horas ás 7 da noite! E ainda assim suprimiram duas garrafas de cerveja a que tinham direito. A tudo isto se submettem, sem protesto, invocando para justificar esse sacrificio da sua dignidade sem um ato de revolta, a "necessidade do ganha pão".

Pensem, entretanto, que nem sempre ali estarão e que ao voltarem para o seio da classe terão que soffrer a repulsa unanime dos companheiros e então de nada lhes valerá o terem-se sujeitados ás imposições vexames e explorações do Sr. Cardozo & Comp., porque estes sehores mais tarde não os conhecerão mais.

Legnar.

### A dedicação

Para nos dedicarmos a desenvolver pensamento, e exteriorizal-o em letra de forma, necessario nos é possuir um espirito fino e concretizador, auxiliado por uma inteliencia robustecida, para dar assim um um sentido nitido ás ideias que expomos: como si nele estivessem a nossa personalidade, o nosso modo de ser, tendo sempre o fito do belo, do bom do humano no sentido do tema que se pretende defender, nunca pondo de parte o sentimento moderno, que apparecerá na colaboração como um iman que atrá á fraternização de todas as raças, tendo por objeto interessar aos leitores produzindo-lhes nos pensamentos uma impressão tal que se lhe afigure que estão prezenciando a ação que têm, como si fóra um fato real.

Ditozo o talento que alcançar uma epopeia, como a alcançada pelo illustre Pedro Gori, defendendo no tribunal de Genova 36 anarquistas, entre operarios, artistas e estudantes, acusados do crime de "associação para delinquir", em virtude de professar principios anarquistas-comunista.

Em um trecho da sua brilhante defeza expressa-se de uma forma, com a qual alcançou uma admiração profunda, estabelecendo os assistentes daquele júri ao ponto de ovacional-o, sujestionados com a sua arrebatadora eloquencia, vendo nele o pro homem salvador da lojica e da razão. Foram estas as suas palavras: "certamente que uma cadeia invisível e ideal unia seus espiritos sonhadores o de uma era luminosa de paz e de justiça; e despertaram do seu bellissimo sonho encontrando-se amontoados como feras perigosas entre os ferros daquela jaula que os encerrava".

"Ha! nobres malfiteiros! Eu vos saúdo de novo e de novo vos manifesto quanta honra tenho em defender, desta alta e solene tribuna, as ideias que me unem a mim, homem livre a vós prisioneiros!"

"Si estas ideias são um crime encarcerai-me a mim tambem e ajuntai-me com estes homens".

Pensai e escrevei, vós que enfrentais a tarefa da libertação humana, que si tal ezito alcançardes terás ganho a imortalidade!

E será assim que arquitetarás o rejimen comunista, um rejimen que vos dará o bem estar dentro da harmonia de interesses, com iguais direitos uns perante os outros, um rejimen onde o joven apaixonado possa livremente professar um amor franco e leal, entremeadado de caricias á aspirada amante, e que isto somente satisfaça o seu premio de amor, igual áquelle que Pascal... descreve nas estrelas cadentes.

Uma sociedade que permita o desenvolvimento de uma vida mais ampla, mais equitativa e de amor ao proximo, guiando-nos uma lei natural de relativa igualdade, sem restrições nem opressões de especie alguma.

Que preço tem a vida para os desherdados da fortuna, nesta epoca sinistra em que lutamos com a falta de recursos para a subsistencia, e em que somos condenados a suportar o jugo dos potentados?

Os socialistas revolucionarios, combatendo a burguezia exploradora, não só atribuem a ela á cauza dos erros sociais, porque eles bem sabem que a pobreza fisiologica e intelectual das classes trabalhadoras obedece a um cem numero de cazas que converte uns em explorados e outros em exploradores.

Mas os militantes da questão social erguer-se-ão, lançando o grito de alerta para o porvir, não se importando com as consequências que lhes possam sobrevir. Que lhes importa a vida quando a evolução de seu espirito já alcançou a meta almejada, si o ideal os incita a dezejar o momento em que a livre essencia evadida das petadas das rozas retidas a face da terra subirão ás altas esferas e daí se ezalarão sobre as multidoes que fervilham nas grandes cidades.

O que não são da concha como o polipo, é como os seres inferiores da criação: morre sem deixar no mundo uma particula da alma.

Devemos viver livres sim, mas empregando parte da nossa vida em proveito

dos demais semelhantes, servir á humanidade abstendo-se de recompensa, esta será o bem estar de todos porque si todos viverem melhor também nós viveremos.

De nada servirá a obstinação dos conservadores, pois que, segundo as leis naturais, tudo se transforma.

O tempo destruído tudo consome, finda uma vida para deixar surgir outras, dá flores ás fruteiras na primavera para que dêem fruto no outono; terminada esta estação caem os frutos para dar lugar á nova produção do proximo ano.

As idades apossam a decadência das idéas de acordo com o principio das transformações e permitem o surto de outras mais uteis á existencia humana; uma constante evolução deixa-nos do passado apenas uma vaga lembrança, á semelhança os degraus de uma escada que nos eleva bem alto a colocar as letras de um ideal que professamos, ideal que será um fato mas que não nos aproveitará porque, ao surgir para a existencia real, já não viveremos.

Si os soldados se deixam levar para a guerra guiados pelo safisma patriótico e ali suportam e sofrem as maiores agruras, defendendo interesse que não são os seus, mais razão temos nós para sacrificarmos a vida, si tanto for preciso, auxiliando o triunfo da ideia e redimindo o universo do fumo da metralha.

G. Costal.

**SELETA**

A ignorancia, muito mais que o saber, produz a afirmção. Sempre são os que sabem menos e não os que sabem mais, que afirmam resolutamente que tal ou qual problema é insolúvel para a ciencia.

DARWIN.

Como pensar que as idéas religiosas são essencialmente moralizadoras si a gente vê que a historia dos povos cristãos é tecida de guerra, de massacres, de supricios?

Anatole France.

O Estado tem uma longa historia toda de assassinato e de sangue. Todos os crimes praticados no mundo: os morticínios ás guerras, as faltas á fé jurada, as fúrias ás torturas, tudo foi justificado pelo interesse do Estado, pela razão de Estado. O Estado tem uma longa historia. Toda ela é de sangue.

Clemenceau.

Só quando é senhor de si mesmo é que um homem pôde ser verdadeiramente moral.

ELISEU RECLUS.

**A violencia e o poder**

Não me trates de irreverente: dá-me o braço: sou teu inseparavel companheiro.

Um homem manchado de lagrimas e de sangue, armado com um machado, entrou na sala do palacio, cravou o machado num dos degraus do trono e sentou-se junto do rei.  
— Vilão! gritou o monarca. Como te atreves a cometer uma irreverencia tal? Vens manchado de sangue: tu praticaste algum crime.

— Sei quem és, respondeu o vilão, e sei também que a mim o deves. Sem tí, poderia eu viver: tu, sem mim, não. Os meus crimes são os teus. O sangue que me mancha, manchou-te antes.

— Quem és?  
— Sou a violencia, sou o verdugo.

— Não te quero a meu lado. Cumpre a tua missão onde não fira o meu olfato o cheiro do sangue das tuas victimas.  
— Esse trono é tão meu como teu: não me vou.

— Suprimirei em meus Estados a pena de morte.  
— Não importa. Ver-me-ás junto a teus soldados. Vais deixar acazo de lhes ordenar que disparem contra o povo quando entre em teu palacio e te depunha?

— Mandarei que prendam os revoltosos, respeitando-lhes a vida.

— E depois? Não deixarei de ser o mesmo. Serei eu quem lhes ha de pôr os grilhões e atar as cadeias; serei eu quem os ha de encerrar em calabouços e vigiar das grades; serei eu quem lhes ha de servir o rancho e os ha de ver morrer lentamente, maldizendo-nos a ti e a mim, tal como morrem hoje um pouco mais depressa.

— Suprimirei os cárceres, só para não te ver.

— Não desvaries. Contempla, da tua janela, o povo amotinado: chama-te e pede a tua cabeça.

— Tens razão, meu amigo. Embora estejas manchado de lagrimas e de sangue, dá-me o braço.

— Não te dizia eu? Não pôdes tratar-me de irreverente. Sou teu inseparavel companheiro.

Francisco Py Arsuaga.

**Pelos restaurants (Alfinetadas)**

Chamamos a atenção da clientela do Restaurant Sul America, afim de se inteirarem da invenção genial de propriedade do Sr. Fontainhas, socio desse restaurant.

E' digna de toda a consideração a invenção do competente "culinario", a qual certamente satisfará o mais esquisito dos freguezes.

Querem os muitos dignos frequentadores do "chic" restaurant saber qual a invenção do Sr. Fontainhas? Um recheio de ultima hora: pão assado com guarda-napos.

Deve ser agradável, não é verdade?

**ROTISSERIE RIO BRANCO**

(As ervilhas e o irmão do Sr. Hermida)  
— Chefe, as ervilhas já se acabaram?

— Sim senhor.  
— Pois olhe meu caro, eu comprei as ervilhas para os freguezes e não para o "picadinho" dos meus colegas caixeiros... Para eles eu já lhe disse como é o negocio; bofes de boi e picadinho cozido com agua e sal, isto é rancho de soldado velho.

— Olhe, amiguinho chefinho, eu já ascendi de soldado raso, não é verdade? E, além disso sou irmão do Dégas, o "Hermidinha" garante a zona. Depois de tudo isso, nós somos amiguinhos velhos, não é chefinho?!

X.

**Lérias e Trêtas**

O patrão deu-me uma folga inesperadamente. Aproveitei-a indo á redação de "O Cosmopolita", onde só encontrei o continuo que logo "derrapou" para tomar café, deixando-me só. Nisto o telefone toca insistentemente. Fui atende-lo, leve o fô ao ouvido: "Pronto!!

E uma voz de homem, sem mais formalidade pergunta: "Como vai você?"

— Bem, felizmente — disse eu — e o "gajo" continuava:

— Então você está bem disposto para a "sessão" de sexta-feira?

Como sexta-feira tivéssemos renúncias eleições no Centro Cosmopolita, e estando eu empenhado nas mesmas, respondi-lhe:

— Estamos todos a postos!

— Pois bem — continuava ele — eu descobri um meio que fatalmente nos garantirá a vitória: Oiga lá: eles sempre nos atrapalham, desenvolvendo uma "retorica", baseada na lojica de principios seguidos por homens que estudaram a fundo a vida dos trabalhadores, com todas as opressões que os esmagam e suas necessidades. Ora, nós temos a vantagem de falar pessoalmente a esses espiritos, dos quaes eles só podem consultar a obra deixada na terra.

Neste ponto, percebendo que o "manáta" estava evidentemente enganado perguntei-lhe:

— Mas como é isso? (porque francamente não estava com calças pardas, reparei bem, e eram pretas).

— Muito facil — continuava o homem — Nós, na sexta-feira chamaremos os espiritos de Anselmo Lorenzo, Ferrer, Reclus, Bakounin e outros, e eles nos elucidarão para que possamos lutar com esse grupo que em todo o nosso trajeto põe barreiras intransponíveis. E si com estes não conseguirmos, temos ainda outro recurso, porêmos em pratica a parte mais "cientifica" da nossa seita; chamaremos os vivos, Malatesta, Faure, Kropotkine, Mella etc., etc.

Agora já eu ia percebendo alguma coisa. O homem era espirita.

Então perguntei-lhe si não haveria inconveniente em chamar os vivos.

— Não. Nós temos toda a facilidade. Abrimos a sessão ás 20 horas, preparemos as "mediuns", e enviamos os espiritos protetores para vêr si aqueles irmãos estão em condições de serem chamados; acredito que estejam, pois sendo aqui 21 horas, isto é, uma hora depois da sessão preparatoria, são na Russia, aonde devemos chamar Kropotkine, 1 hora e 58 minutos. A seguir chamaremos Malato, que, aapezar de haver nascido na Italia, habita em Londres onde são 23 horas e 53 m. Segue-se Sebastião Faure, que é francez, e na Franca são 24 e 2 minutos... e, por fim, R. Mella que é hespanhol e são em Hespanha 23 h. e 38 minutos. Este fica para o fim, porque sendo ainda muito cedo, não estará ainda entregue a Morfeu.

E' este o meio mais viavel que temos a adoptar e que eles jamais serão capazes de combater.

— Acha então você que tudo isso se fará com facilidade?

— "O' xacho"!

— E sabes com segurança que esse dezencontro de horas é mesmo como estás dizendo?

— "O' s'e!" eu estou ao par de tudo. Ensinou-me um amigo meu.

— Pois bem, basta de trêtas, sabes com quem falas?!

Ora essa... Deixe de lérias! pois então eu não estou falando com o Restaurant x x e não é o X que está ao aparelho!

— Não! Aqui é a redação de "O Cosmopolita"!

— O' diacho! Então entornei o caldo!

O homem já apelava para o diabo! E desligou o aparelho. Como eles andam!

"Honní soit qui mal y pense"...

Moxila.

**Vivendo ás claras**

**BALANCETE**

Movimento geral da receita e despesa do festival realizado em 30 de Setembro, em favor da publicação de "O Cosmopolita"

**RECEITA**

Recebido de 652 ingressos a 2\$000	1:304\$000
Idem da fêria do "boufet"	400\$000
" da tombola	62\$000
" de donativos	40\$000
" da venda de um saldo de aguas minerais, cervejas e Whisk	59\$000
<b>Total</b>	<b>1:865\$600</b>

**DESEPEZAS**

Muzica	60\$000
Automovel para a mesma	15\$200
Carrete de estantes	3\$000
Piano, pianista e carrete	59\$600
Madeiras para o palco	67\$600
Material para electricidade	14\$400
Tintas e pinceis	8\$500
4 metros de chita	2\$000
Carpinteiro e auxiliar	35\$000
Florista	100\$000
1.000 bilhetes	32\$000
Destintivos	2\$600
Porcentagem ao cobrador	68\$000
<b>Total</b>	<b>467\$900</b>

(Boufet)

Pago á Cervejaria Brahma	93\$400
Pago á Cervejaria Hanseatica	82\$500
Pago á Cervejaria Polonia	35\$000
1 C. de aguas minerais	25\$000
1 C. de Vinho do Porto	22\$000
3 Caixas de sodas	10\$800
Presunto	14\$400
Queijo	4\$800
5 pães de forma	4\$000
5 pães a 300 rs.	1\$500
1 lagarto assado	4\$000
Gratificação	2\$000
140 palitos Champanhe	5\$000
36 doces	2\$400
Phosphoros	\$800
Alfinetes	\$400
Taxas	\$400
1 jantar para o empregado	2\$000
Papel e barbante	1\$400

2 caixeiros	20\$000
Carretos	4\$500
<b>Soma</b>	<b>336\$300</b>
	<b>467\$900</b>
	<b>804\$200</b>
<b>REZUMO</b>	
Receita	1:865\$600
Despeza	804\$200
<b>Saldo</b>	<b>1:061\$400</b>
<b>Importancias a receber</b>	
40 garrafas de cerveja Polonia	23\$500
89 ingressos	178\$000
<b>Total</b>	<b>201\$500</b>

Movimento da receita e despesa do Grupo até á data da sua installação

**RECEITA**

Recebido de aderentes ao Grupo:	
30 quotas de admissão, a 5\$	150\$000
Idem de donativos	25\$000
<b>Somma</b>	<b>175\$000</b>

**DESEPEZA**

300 circulares para a reunião de 25 de Junho	14\$000
500 enveloppes	4\$000
Selos	5\$000
1 blok de papel	1\$200
Selos para a reunião de 9 de Agosto	\$700
1 livro de 100 folhas	4\$200
1 tinteiro	6\$000
1 vidro de tinta	3\$500
6 canetas	1\$500
1 caixa de penas	2\$500
Selos e gratificação	2\$500
1 carimbo	10\$000
1 rolo de barbante	\$500
<b>Total</b>	<b>55\$600</b>

**REZUMO**

Receita	175\$000
Despeza	55\$600
<b>Saldo</b>	<b>119\$400</b>
Saldo geral, em mãos do contador.	1:180\$000

A ultima palavra sobre vinho quinado é incontestavelmente

**o Quinado de Valente Costa & C.**

Unico representante:

**José de Souza de Macedo**

Rua do Rozario, 136 (1.º Andar)

Rio de Janeiro

Telefone 4194 Norte

**RIO DÃO** O VINHO DE MEZA PREFERIDO

IMPORTADORES

**J. FERREIRA & C.**

CERVEJA PARK BIER--Estomacal e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

**FABRICA CONFIANÇA DO BRAZIL**

De Roupas brancas para homens, Cama e meza,

É A QUE VENDE MAIS BARATO E QUE MELHOR SERVE

87-RUA DA CARIOCA-87 - (Não tem filiais)

**JEWSBURY & BROWN'S**

Manchester, England

Quinine Tonic Dry Ginger Ale

Sole Agent:—C. N. Lefebvre

Rio de Janeiro

**CAFE' E BILHARES PUERTO RICO**

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

COMIDAS FRIAS, ETC.

**SOUTO & COMP.**

ABERTO ATÉ 1 HORA DA NOITE

RUA D RIACHUELO, 11

TELEFONE 2190 CENTRAL

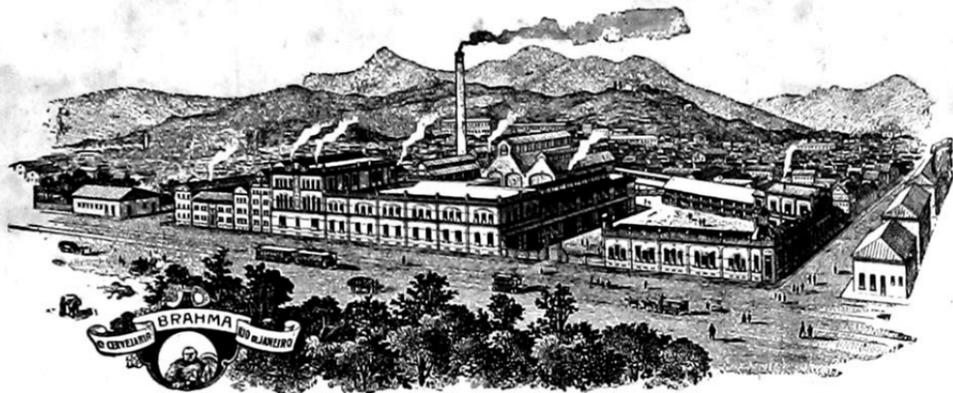
RIO DE JNER

**BEBAM**

O MELHOR DO MUNDO



# CERVEJARIA BRAHMA



Recomenda as  
suas afamadas  
marcas:

**BRAHMA**

**BRAHMINA**

**TEUTONIA**

**FIDALGA**

**MALZBIER**

**BRAHMA PORTER**

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

## “CAZA RIST”

DEPOZITO EXCLUZIVO DE PRODUTOS NACIONAIS

**VINHOS E CONSERVAS**

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 - Central

**BEBAM**

**CAXAMBU'**

A soberana das aguas de meza.

**BEBAM**

**SALUTARIS**

A rainha das  
aguas de meza